

PROBLEMATIZANDO O BELO NAS ARTES VISUAIS

VANESSA CRISTINA DIAS; VERONICA DE LIMA; YASMIN PRADO; CLÁUDIA
MARIZA MATTOS BRANDÃO

Universidade Federal de Pelotas – vanessacristinadias_@live.com

Universidade Federal de Pelotas – veronicadelimamf@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – yasminprado98@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net

1. INTRODUÇÃO

A investigação se baseia nos resultados de atividade de ensino proposta pela professora Cláudia Brandão, em abril de 2017, na disciplina de Fundamentos do Ensino das Artes Visuais I, integrante do currículo do primeiro semestre do curso de Artes Visuais – Licenciatura. Na atividade foi proposta uma visita ao Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), situado na cidade de Pelotas, que na ocasião estava com o acervo do artista Leopoldo Gotuzzo exposto. Foi solicitado a cada aluno que escolhesse uma obra como destaque e que esta escolha fosse justificada.

Leopoldo Gotuzzo (1887–1983) foi um pintor pelotense cujas obras são caracterizadas pelo estilo academicista, conhecido por sua precisão técnica. Entre documentos estudados encontramos relatos de sua vontade de Pelotas, sua cidade natal, abrigar um museu: “é meu desejo que quando a Escola de Bellas Artes tiver local adequado e meios para manter, se instale aí uma pequena coleção Gotuzzo, com alguns quadros que possam caracterizar meu modesto trabalho” (Carta de Leopoldo Gotuzzo, 1955, acervo do MALG).

Referindo-se à doação de 1955, Luciana Renck Reis diz que “o Gotuzzo sempre dizia que nós (alunos), para aprendermos, além de termos que desenhar, estudar e tudo o mais, nós tínhamos que ver obras de arte e foi por isto que ele fez a doação das obras dele, mandou a primeira coleção para a Escola”. Aqui fica nítido a intenção do artista de ajudar seus alunos, enquanto professor na EBA, a conhecer e analisar obras. Gotuzzo, trabalhou uma técnica notável em vários estilos como realismo, impressionismo, simbolismo, pontilhismo e Art Nouveau.

Este resumo expandido tem por objetivo analisar e discutir os resultados da atividade, visando identificar o juízo de gosto dos estudantes ingressantes no curso, para problematizar questões acerca do conceito de Belo nas Artes Visuais.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo e se caracteriza como um estudo de caso. Nela foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: realização de leituras acerca do Belo nas Artes Visuais; levantamento quantitativo das obras mais escolhidas e suas justificativas; análise das escolhas e suas justificativas.

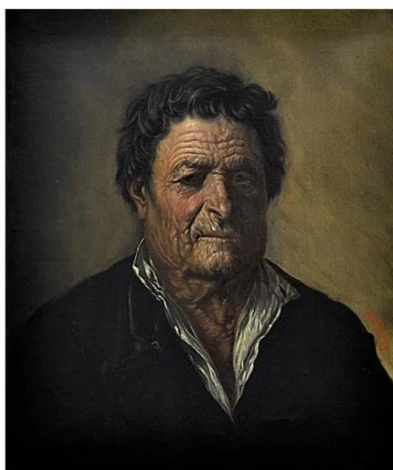
Refletindo sobre a trajetória desses estudantes até a universidade, devemos pensar no papel da escola e no desenvolvimento do conteúdo de artes na Educação Básica, que até o ano de 2016 era obrigatório nas escolas conforme Lei de Diretrizes e Bases de 1996 sabemos que a arte é indissociável de outros temas que circundam o ser humano, como Dora Maria Dutra Bay (2006, p.4) nos confirma:

No entanto ainda persiste uma certa dificuldade no tocante a integração da arte nas ciências sociais - o que pode ser potencializado como um ganho, ao possibilitar abordagens transdisciplinares - porque as diferentes proposições existentes tendem a privilegiar um determinado enfoque, como o histórico, o psicológico, o filosófico ou o estético, descuidando da interação e articulação entre eles.

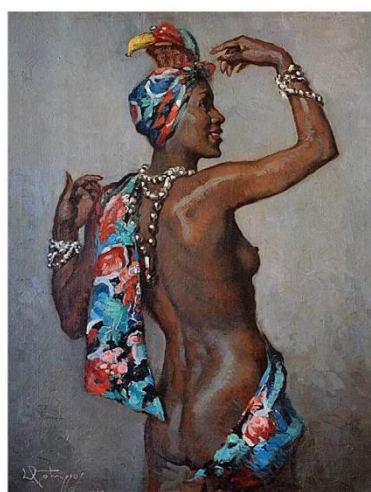
Na criação deste pensamento abrangente e integrado, para Carlos Vidal “Trata-se de operar dentro da arte para a redefinir e alterar o sentido dos suportes institucionais da escola à história” (VIDAL, 2002, p. 106 APUD BAY 2013, p.185). Sendo assim, consideramos a importância de promover o desenvolvimento cultural do aluno desde os anos iniciais da educação básica, possibilitando que ele acompanhe e interaja com as manifestações artísticas de seu tempo e lugar. Logo, a disciplina de Artes tem que ser um componente curricular obrigatório na Educação Básica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisadas 55 respostas, que registram a escolha de 30 obras dentre as expostas, e as duas mais citadas foram a “Baiana” (1942) (Figura 1) e “O Velho Galé” (1905) (Figura 2), com 5 escolhas cada uma. Com mais 4 citações cada as obras “Dora Gotuzzo” (1923) e “Estudo de nu” (s/d).



O velho galé, 1905, óleo sobre tela,
53x45,5cm, 341



Baiana, 1942, óleo sobre tela,
92x72cm, 334

Figuras 1 e 2

As escolhas privilegiaram as figuras humanas, variando entre retratos e nus. As justificativas na maioria destacam questões técnicas: a escolha de materiais, cores, jogo de luz e sombra, e os traços do artista. Existe também um destaque especial aos nus femininos, os quais alguns descrevem como uma certa aura de divindade o que essas obras passam, o que parece transcender a “criatura mulher”, tal qual um ser divino/superior pela beleza. Além disso, outras justificativas apontam para a obra praticamente ter “vida”; há também uma relação com lugares, obras que fizeram o(a) aluno(a) relacioná-la a algum lugar de seu conhecimento, ou momento vivido. Aparece ainda uma relação com cultura que os(as) alunos(as) relacionaram com algum povo.

O acadêmico Matheus Coutinho justificou a escolha da obra “O Velho Galé” dizendo: “É uma pintura muito interessante, Gotuzzo consegue balancear o



contraste entre o terno e o fundo com detalhes do rosto e do colarinho”. Já Verônica de Lima, justificou com a seguinte afirmação: “O uso da tinta a óleo, deixando a obra com um aspecto bem realista, o uso de luz e sombra deixando a obra dramática e com volume”.

Franciele Martins justifica sua escolha para a obra “Baiana” assim: “A obra foi escolhida por representar uma parte da cultura do meu povo. A pintura mostra a beleza do corpo, cor e pele da mulher, o esquema de cores e luz e sombra são aplicadas perfeitamente”. Outra acadêmica, Vitória Alves Nunes justificou também no âmbito da cultura, explanando: “bem detalhado os traços da mulher negra da época e de alguma forma me lembra também a cultura afro da época”.

Além dessas escolhas encontramos duas diferentes da maioria. Vanessa Cristina Dias escolheu a “Boneca” (1925) que segundo ela:

Mostra algo diferente de todas as outras, onde ele brinca com a simetria dos objetos e enfatiza de modo delicado e sombrio o objeto principal da obra. Este paralelo torna esta obra, apesar de pequena perto de outras, muito interessante, questionando o espectador sobre o sentimento do autor da obra ao produzi-la.

A acadêmica Tabita Priesse Saueressig, também fez uma escolha diferenciada, mas neste caso, em função do título da obra, “As uvas dos meus 80 anos” (1967) que para ela “Parece uma pintura comum, mas o título atribuído fez a diferença. Podemos imaginar dezenas de supostos motivos que o levaram a elaborá-la, e é isso que mais instiga, provoca curiosidade”.

Nessas duas escolhas encontramos dois argumentos que divergem dos anteriores, mostrando outra visão perante as obras e a exposição. Podemos observar que as alunas perceberam algo um pouco além da própria obra, tentando captar a intenção do artista e o que estava acontecendo no momento em que as obras estavam sendo produzidas.

As acadêmicas usaram a sua imaginação também nas escolhas das obras, onde enfatizaram o título, e a obra em si, o que nos faz pensar que a arte está nos olhos de quem vê:

Também Freud ao enfatizar o papel dos sonhos e fantasias na constituição do psiquismo relacionando-os com a arte, alude ao plano das idéias platônico; o mesmo acontecendo quando fala do simbólico, da arte como fator de interligação entre a realidade e a imaginação; a noção de inconsciente igualmente acena para o conceito de alma já levantada por Platão (BAY, 2006, p. 15).

4. CONCLUSÕES

Ao analisar os resultados da pesquisa, observamos que a maioria dos alunos valorizou a técnica e os materiais utilizados por Gotuzzo em suas obras. Desta maneira concluímos que grande parte da turma tem um gosto mais voltado para obras de estilos mais realistas e tradicionais, e com certa estética que privilegia o Belo. Os mesmos têm uma opinião referente ao que aprenderam ao longo da vida, sobre o que lhes ensinaram sobre ser ou não arte. Com isso observamos o quanto a sociedade é fechada para novos estilos, a não ser o modelo estético que consideram ideal, e assim vão moldando os indivíduos da maneira que acreditam estar certos e vão deixando de lado o verdadeiro sentido da arte.



Uma obra de arte não é apenas para ser admirada por sua beleza, e sim para sentir sua essência, ter voz, emoção, liberdade de expressão, etc.. algo que nos faça refletir, criticar sobre o que está sendo proposto. E com esta pesquisa identificamos que isso é algo que necessita ser discutido com os estudantes, visto que serão futuros professores de Artes. Refletindo sobre a questão da “bagagem” escolar, notamos a falta de abertura para o novo, para o pensar além da arte tradicional e academicista. Consideramos a importância de pensar na inteligibilidade das obras, de discutí-las a partir de um aspecto mais profundo do que apenas achá-las bonitas/aceitáveis. Acreditamos que esse pensamento será desconstruído durante o curso de Artes Visuais, dando lugar a um pensamento crítico e mais atual sobre arte, retirando os estudantes/docentes em formação de sua zona de conforto.

Concluimos que mesmo nos dias de hoje é difícil uma escola que não ensine sobre arte a partir de um ponto de vista tradicional, acadêmico. E isso nos faz pensar na necessidade de mudar essa realidade, sendo que nosso país encontra-se com certa vulnerabilidade no que se refere à educação, fazendo com que cada vez mais os alunos tenham uma educação em artes limitada. Desta maneira nós como futuros professores na área de Artes Visuais, temos que ter grande conhecimento para transmitir um novo pensamento sobre o que é arte e o que ela pode nos proporcionar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAY, D. M. D. Arte & Sociedade: Pinceladas num tema insólito. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**, FLOPIS, n.78, p. 1-18, 2006.

AGUIAR, J. V. BASTOS, N. Arte como conceito e como imagem. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 25, n. 2. p. 181-203, 2013.

MAGALHÃES, C. R. Reflexões acerca das relações entre o museu de arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) e a sociedade pelotense. **Revista memória em rede**, Pelotas, v.4, n.11, p. 1-12, 2014.